

Maré de Notícias

Bairro Maré / Rio de Janeiro - Ano 1 | nº 11 - Novembro de 2010

A Maré ainda não está para peixe

Especialistas ouvidos pelo *Maré de Notícias* afirmam que a ecobarreira e a obra de dragagem do canal do Fundão não solucionarão os problemas vividos pelas comunidades. O canal do Cunha sequer mereceu atenção até o momento. A Baía de Guanabara, que em tupi guarani significa seio-mar, continuará agonizando. O governo do estado rebate as críticas; diz que a obra em andamento é apenas o início da despoluição da Baía e garante o tratamento do esgoto da Maré, embora sem falar em datas. **Pág. 6 a 8**

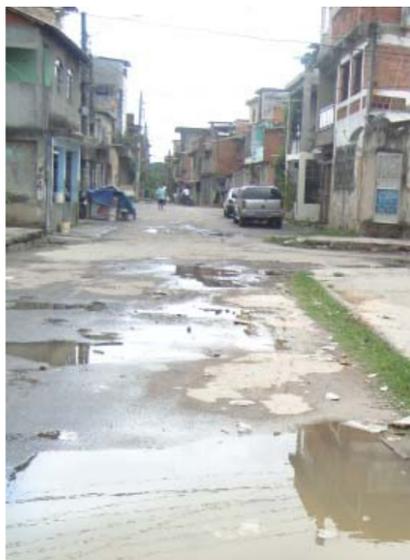
Elisângela Leite



Dragas retiram resíduos do canal do Fundão

Alexandre Pessoa, da Fiocruz: “Enquanto não for realizada a dragagem ao longo de todo o canal do Cunha, dos rios Jacaré e Faria-Timbó, bem como dos canais internos da Maré e demais comunidades, as pessoas ainda estarão correndo riscos decorrentes das inundações e do contato com águas contaminadas.” Pág. 8

Sivia Noronha



Esgoto na rua, cena corriqueira no Conjunto Esperança

Conjunto Esperança na luta ambiental

A pedidos da Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Esperança, a Política Estadual de Educação Ambiental está sendo implantada na comunidade, que sofre principalmente com a falta de saneamento básico. A presidente Marilene Lopes acredita na conscientização dos moradores para o problema. **Pág. 4**

Elisângela Leite



Primeiro espaço de recreação do Timbau

Água, parque e creche no Timbau

O presidente da Associação de Moradores do Timbau, Osmar Paiva Camelo, comemora as boas novas da comunidade: elevatória da Cedae no alto do morro, instalação de área de recreação e recuperação da antiga creche Albano Rosa pela Prefeitura. **Pág. 5**

Histórias de outros tempos

Segunda reportagem da série Nossa História traz entrevista com Seu Atanásio, da Baixa do Sapateiro. **Pág. 11**

Emprego em bares e restaurantes

Sindicato diz que setor de bares e restaurantes abre cerca de cem vagas por mês no Rio de Janeiro. **Pág. 3**

Veja a programação da Lona Cultural da Maré para dezembro. **Pág. 10**



Editorial **Promessa é dívida**

Para elaborar esta edição, fomos ver de perto o que chamam de “obra de recuperação ambiental do canal do Cunha” ou “despoluição do canal do Cunha”, como tem sido noticiado por autoridades e repetido por alguns veículos de comunicação. A notícia ruim, conforme poderá ser lida das páginas 6 a 8, é que não existe obra no canal do Cunha e sim no canal do Fundão e, mesmo assim, não sairá dali a solução para o problema. A notícia boa é a promessa do governo do estado de tratar o esgoto da Maré, o que resolveria uma parcela da questão e traria muitos benefícios para a população. O *Maré de Notícias* vai acompanhar o desenrolar dos acontecimentos.

Afinal, como diz o ditado: promessa é dívida, ou pelo menos deveria. Cabe a nós, caro leitor e cidadão, cobrar do governante para que seja.

Também neste número trazemos histórias antigas da Maré, contadas pelo Seu Atanásio, da Baixa do Sapateiro (pág. 11); e os acontecimentos recentes do Conjunto Esperança (pág. 4) e do Timbau (pág. 5). Tentamos olhar o passado através da ótica dos moradores, sem perder de vista o presente e o que queremos para o futuro da Maré e da cidade do Rio de Janeiro.

A todos e todas, uma boa leitura!

Exemplo para o Brasil

CARTAS

O jornal *Maré de Notícias* é muito importante para nossa Maré e para nossa sociedade, como “exemplo” para muitas outras áreas do Rio de Janeiro, para o Brasil e para o mundo. Tenho orgulho de ter nascido e ter sido criada num lugar

onde as pessoas fazem das suas oportunidades um meio de transformar a Vida numa Vida de Dignidade e uma Vida Feliz, que é o que todo Ser Humano tem Direito.

Sara da Conceição Alves



CAMPANHA PELA CRIAÇÃO DO CENTRO BELA MARÉ

Com o objetivo de superar a desigualdade espacial de bens culturais no Rio de Janeiro, o Observatório de Favelas iniciou campanha pela criação de um centro de artes na Avenida Brasil, a ser construído na altura da Maré. A ideia é oferecer diversas ações artísticas, como exposições, cineclube, cursos,

oficinas, palestras, workshops e projetos à população local e dos bairros vizinhos, estimada em um milhão de habitantes. Batizado de Centro Artístico e Cultural Bela Maré, o local articulará economia, cultura e participação ativa das comunidades. Mas para se tornar realidade, depende de viabilidade financeira. Por isso, o Observatório está arrecadando doações de todos que puderem colaborar para a aquisição do local. As doações podem ser feitas por meio de depósito para: Banco do Brasil, agência 3652-8 / Cidade Universitária, conta corrente 53.013-1. Correntista: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro. Para mais informações e outras formas de colaboração, entre em contato pelo e-mail: contato@observatoriodefavelas.org.br.

ENSINAMENTOS DE TIÃO

A equipe do *Maré de Notícias* e todos os integrantes da *Redes da Maré* se solidarizam com a família e amigos de Sebastião Helvécio dos Santos, o Tião, morador da Baixa do Sapateiro, que faleceu em outubro. Tião foi jardineiro da Redes da Maré e principal entrevistado da reportagem de capa da edição nº 4, de março de 2010, intitulada Maré verde e mais saudável, sobre projeto de arborização das comunidades, lançado pela Redes. Entre os ensinamentos deixados por ele estão: “Nós merecemos o bom para gente; e o bom é o ar puro” / “Cuido das plantas como se fossem uma pessoa. O verde dá vida, animação e alegria”. Sobre a falta de espaço na Maré para plantar árvores, Tião ensinou: “O espaço é pouco, mas procurando a gente acha. Por exemplo, às vezes a gente tira uma lixeira da calçada e planta uma árvore no lugar” – ensinamentos que serão sempre lembrados.



Elisângela Leite

Expediente

Instituição Proponente
Redes de Desenvolvimento da Maré

Diretoria

Eblin Farage
Edson Diniz
Eliana Sousa Silva
Fernanda Gomes

Coordenadora do Setor de Comunicação
Tatiana Galvão

Instituição Parceira
Observatório de Favelas

Apoio
Ação Comunitária do Brasil
Administração do Piscinão de Ramos
Associação Comunitária Roquete Pinto
Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Bento Ribeiro Dantas

Associação dos Moradores e Amigos do Conjunto Esperança

Associação de Moradores do Conjunto Marcílio Dias
Associação de Moradores do Conjunto Pinheiros

Associação de Moradores do Morro do Timbau

Associação de Moradores do Parque Ecológico

Associação de Moradores do Parque Habitacional da Praia de Ramos

Associação de Moradores do Parque Maré

Associação de Moradores do Parque Rubens Vaz

Associação de Moradores da Vila do João

Associação Pró-Desenvolvimento da Comunidade de Nova Holanda

Biblioteca Comunitária
Nélida Piñon

Centro de Referência de Mulheres da Maré - Carminha Rosa

Conexão G

Conjunto Habitacional Nova Maré

Conselho de Moradores da Vila dos Pinheiros

Luta pela Paz

União de Defesa e Melhoramentos do Parque Proletário da Baixa do Sapateiro

União Esportiva Vila Olímpica da Maré

Editora executiva e jornalista responsável

Silvia Noronha (Mtb – 14.786/RJ)

Repórteres e redatores

Hélio Euclides (Mtb – 29919/RJ)

Marianna Araujo

Rosilene Miliotti (Estagiária)

Rosilene Ricardo (Estagiária)

Vitor de Castro (Mtb 30.325/RJ)

Fotógrafa

Elisângela Leite

Projeto Gráfico e diagramação

Redes de Desenvolvimento da Maré

Logotipo

Monica Soffiatti (com foto de Genilson Araújo)

Assistente gráfico

Felipe Reis

Colaboradores

Anabela Paiva,
Aydano André Mota,
Coletivo Favela em Foco,
Flávia Oliveira,
Imagens do Povo,
Marília Gonçalves.

Impressão

News Technology Gráfica Editora Ltda

Tiragem
30.000

Redes de Desenvolvimento da Maré

Rua Sargento Silva Nunes, 1012,
Nova Holanda / Maré
CEP: 21044-242
Informações: (21) 3104.3276
(21)3105.5531
www.redesdamare.org.br
redesdamare@redesdamare.org.br

Parceiros



De olho na dengue

Prevenir a proliferação do mosquito é o melhor caminho

Reportagem: Rosilene Ricardo

O verão está chegando e a preocupação com a dengue sempre deixa em alerta a população da cidade, em especial aquela que vive em áreas com histórico da doença e que apresenta um cenário propício à proliferação dos mosquitos transmissores. Por isso, a prevenção se tornou uma grande aliada e já tem mostrado resultados. Segundo dados do Ministério da Saúde, até junho deste ano foram notificados 9.707 casos de dengue no país, número bem inferior ao do mesmo período do ano passado, quando foram registrados 252.347 casos.

Na Maré há apenas um caso confirmado este ano e nove no ano passado. Para manter baixa a incidência da doença, as ações de prevenção já começaram. Representantes dos postos de saúde da Maré em conjunto com instituições, como a Vila Olímpica da Maré, Divisão de Vigilância em Saúde e a Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, se reuniram para discutir planos de ação contra a dengue nas suas áreas e assim conseguir mais apoio de atores sociais que já atuam nos territórios.

Segundo Cíntia Mariano, gerente de Clínica da Família do posto Samora Machel, os agentes comunitários de saúde levam para a unidade os registros dos locais onde há possíveis focos da dengue. Em seguida, ocorrem visitas domiciliares e outras ações desenvolvidas por agentes de vigilância (antigo mata-mosquito), que fazem uma varredura no local com o objetivo de encontrar possíveis focos. Além disso, são realizadas ações de educação em escolas e comunidades, para orientar a população.

Comunidades com mais risco

O trabalho precisa ser cuidadoso principalmente em áreas que apresentam mais risco do surgimento de focos do mosquito. “As comunidades da Maré com mais chances de proliferação da dengue são as que têm em suas imediações valas e grande concentração de lixo, como Salsa e Merengue, casinhas atrás do Conjunto Esperança, Baixa do Sapateiro, Nova Holanda, Marçílio Dias e Rubens Vaz”, informa Cíntia.



Prevenção na 1ª Feira Tecendo Redes na Maré, em outubro

Ela acrescenta que nem sempre o trabalho é fácil. Um exemplo é um prédio localizado na rua João Araújo, no Parque Rubens Vaz, que está fechado. A Prefeitura vem tentando localizar o proprietário, mas até o momento não teve êxito. “Se isso não acontecer em breve, a Prefeitura emitirá um documento autorizando a entrada no prédio à revelia do dono, já que se trata de um possível local com potencial de foco da dengue. Nessa rua já há registro de casos da doença”, explica.

Aprenda sobre a dengue brincando no site:
<http://www.invivo.fiocruz.br/quiz.html>

Trabalho e renda

Fique ligado nas dicas de emprego!

Com a economia em crescimento, surgem oportunidades de inserção no mercado formal de trabalho



Reportagem: Rosilene Ricardo

A primeira oportunidade de trabalho é algo muito difícil, mas em algumas áreas como hotéis, bares e restaurantes essas chances são numerosas, segundo o Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes (SindRio), que reúne as empresas do setor. Além de criar um banco de currículos dos candidatos para diversas funções, o SindRio divulga oportunidades de empregos pelo site: www.sindrio.com.br. Caso o candidato não tenha acesso a um computador, seu cadastro poderá ser feito na sede do sindicato, na Praça Olavo Bilac, 28/17º andar, no centro.

O candidato deve ser maior de idade e ter o ensino médio completo ou em andamento. Comprovar experiência na função escolhida, com registro na carteira de trabalho ou em curso de qualificação, também conta pontos

a favor. Segundo o SindRio, a cada mês cerca de cem oportunidades aparecem.

Veja as dicas de como conquistar a sua vaga:

- A seleção não começa na entrevista, mas em casa, quando você ainda está se arrumando. É fundamental se vestir de maneira correta e manter a boa aparência. Portanto, não use roupas decotadas, camisas sem manga, bermudas ou saias acima do joelho e sapatos abertos, como chinelos e sandálias. Esteja com as unhas curtas e limpas. Os homens devem estar com a barba feita e as mulheres devem usar uma maquiagem discreta.
- Chegue na hora marcada – pontualidade é essencial. Converse tranquilamente e de forma clara com o seu entrevistador. Vá direto ao ponto, sem desviar do assunto. Valorize a sua experiência, mas seja honesto. E seja sempre simpático: se você não

conseguir o emprego agora, isso ajudará muito a ser lembrado em uma próxima oportunidade.

- Das vagas oferecidas pelo SindRio, algumas acabam não sendo preenchidas por falta de qualificação dos candidatos. Se você tem oportunidade de fazer um curso e investir na sua carreira, não desista.

Segundo a assessoria do SindRio, existem oportunidades em Bonsucesso, Maré e em outros bairros da zona norte, mas as regiões com maior demanda são centro e Barra da Tijuca. A procura é, normalmente, por pessoas que morem perto do trabalho para evitar atrasos e cansaço no trajeto. Porém, com a qualificação desejada, ninguém abre mão de um bom profissional.

Acompanhe a abertura de vagas em:
www.sindrio.com.br

Elisângela Leite



Prédios do Conjunto onde vivem mais de 8 mil pessoas

Sílvia Noronha



Vista do Conjunto Esperança para a ecobarreira e a Linha Vermelha

Por um lugar ao sol

Falta de saneamento básico é a principal queixa dos moradores do Conjunto Esperança

Reportagem: Sílvia Noronha

“Aqui é um pedacinho do céu, que fica encoberto pelas nuvens e precisa aparecer”. Com essa frase, a presidente da Associação de Moradores e Amigos do Conjunto Esperança, Marilene Lopes da Silva, de 64 anos, resume seu afeto pelo local onde mora, e que a motivou a se tornar líder comunitária.

Construído em 1982 às margens dos canais Trezentos e do Cunha, o conjunto de 35 prédios abriga hoje mais de 8 mil pessoas. Há ainda casas no entorno, parte delas ameaçada pela Prefeitura, que em janeiro passado anunciou a intenção de demolir as construções situadas atrás da vila e reassentar os moradores em outro lugar. Segundo estima Marilene, há cerca de 500 pessoas vivendo nessas casas. Mas o que os moradores querem é o saneamento do local e não a remoção. Para se precaver, muitos deles estão buscando a documentação das casas, contando com o apoio da associação.

O principal problema em toda a área do Conjunto Esperança é o esgoto a céu aberto. Há vários pontos com entupimento pelas ruas. À beira dos canais é possível avistar também o esgoto sendo jogado sem qualquer tratamento. Quem mais sofre são as famílias das casas atrás da vila, por estarem perto do canal do Cunha. Quando

chove muito, a água sobe e invade o local, pon-do em risco a saúde de adultos e crianças.

Mas em outros pontos a situação se repete, mesmo sem chuva. O comerciante Wellington Guilherme, responsável pelo bar Amarelinho, ligou para a Cedae da Maré na tarde de 27 de outubro para reclamar de um bueiro entupido, vazando há três dias. “Eles me disseram que só têm 12 homens para 16 comunidades e que a kombi estava ruim”, relatou ao *Maré de Notícias*. Enquanto persistiu o vazamento, ele não pode abrir o bar, localizado bem em frente ao bueiro.

“Por que pobre tem que viver no lixo? O Fundão não está todo bonitinho? Por que a limpeza não chegou aqui ainda?”, questiona Marilene. Em outubro, ela conseguiu uma vitória. A Comlurb finalmente fez uma limpeza no canal Trezentos, que vinha sendo solicitada há mais de seis meses. “Não foi uma limpeza completa, mas já melhorou bastante a situação. Eles passaram quatro dias capinando e retirando lixo”, diz.

Educação ambiental

Marilene, que é professora e alfabetizadora, sabe que o saneamento da comunidade é tarefa da Cedae e demais órgãos governamentais. Mas também afirma que a população

precisa ter mais consciência e conhecimento a respeito do tema, inclusive sobre doenças decorrentes da falta de saneamento básico.

Por isso, desde que assumiu a associação, há quase quatro anos, ela vinha batalhando pela implantação na comunidade de ações da Política Estadual de Educação Ambiental, da Secretaria do Ambiente. O projeto foi aprovado e acaba de ser iniciado. A primeira reunião aconteceu na associação na última semana de outubro. Marilene diz que já foi decidida a instalação de uma oficina de reciclagem, que poderá no futuro gerar uma cooperativa de reciclagem no Conjunto Esperança.

“Não são muitos problemas para resolver aqui. Precisa é de mais equipes e máquinas da Cedae, da Comlurb e da Riolut”, avalia Marilene, pernambucana de São Lourenço da Mata e moradora do conjunto há 18 anos.

Associação dos Moradores e Amigos do Conjunto Esperança
Rua Manoel Falcão A. Maranhão, 129
Tel.: 2573-5958
Segunda a sexta-feira, de 8h às 17h

Sílvia Noronha



Marilene diz que Cedae, Comlurb e Riolut devem ter mais equipes

Sílvia Noronha



Canal Trezentos, que divide o Conjunto da Vila do João

Timbau colhe seus frutos

Uma das primeiras comunidades da Maré, Timbau agora tem parquinho e água na torneira todos os dias

Reportagem: Sílvia Noronha

Elisângela Leite

Os moradores do Timbau fizeram duas importantes conquistas recentemente. Em setembro, foi inaugurada uma elevatória da Companhia Estadual de Águas e Esgotos (Cedae), que parece ter deixado para trás os longos dias sem água na torneira, tão comuns na parte alta do morro. A outra boa nova é o primeiro espaço de lazer da comunidade, construído no antigo buraco da pedreira.

Dona Joana Batista Durval, de 82 anos, desde 1957 morando no Timbau, se lembra bem dos tempos em que descia para pegar água no bico, ao pé do morro. “Eu ia com trouxa de roupa na cabeça e ainda lavava roupa para fora. Agora está bom, mas não desperdiço”, conta ela.

O presidente da Associação de Moradores do Morro do Timbau, Osmar Paiva Camelo, de 50 anos, conversa sobre as melhorias com entusiasmo. Acabar com o problema da falta de água era uma antiga luta. Foram anos tendo de lidar com a bomba da Cedae, que ficava pessimamente instalada num buraco. A própria água que pingava do sistema queimava a bomba. E quando isso acontecia, a Cedae levava até 15 dias para realizar o conserto. O problema parece ter se encerrado com o programa Água para Todos. “A maior parte dos moradores sofria. Agora a água chega com força até o terceiro andar, não precisa mais usar bomba para puxar”, conta Osmar.



Osmar foi reeleito presidente em 2009

Sobre o parquinho, Osmar diz que é a realização de um antigo sonho. O buraco da pedreira antes estava abandonado e sempre tinha lixo jogado. Agora possui quadra de esportes, balanço, mesinhas, bancos e aparelhos de ginástica. A construção faz parte do projeto Espaço Urbano Seguro, do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), do governo federal; e foi executado pela Fundação Darci Ribeiro. “É um sonho, mas estamos lutando para que

o projeto seja finalizado conforme previsto”, diz Osmar, que reclama da falta de tela protetora na quadra, o que já foi prometido pelos responsáveis pela obra. Do jeito que estava em fins de outubro, a bola usada pelos garotos na quadra acabava caindo nas casas vizinhas. Além da tela, faltam: iluminação do espaço, conclusão do acesso para cadeirantes e fechamento dos vãos sob o parque.

Timbau terá creche novamente

Uma terceira conquista está para ser concretizada em março de 2011. A antiga creche Albano Rosa, na base do morro, que ficou anos abandonada, está em plena reforma para ser transformada em Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI). Este é o novo modelo da Secretaria Municipal de Educação para o atendimento à primeira infância, integrando creche e pré-escola numa mesma unidade. Esses espaços concentrarão crianças de 3 meses a 5 anos e meio de idade.

O local passa por uma reforma geral. Ganhará nova cobertura, telhas termoacústicas, salas mais arejadas com muitas janelas, ar condicionado, parquinho e grama na entrada. Mas como é de praxe nas obras públicas na localidade, nenhuma traz o custo do serviço escrito nas placas, embora a inclusão do valor seja obrigatória para dar transparência aos atos governamentais.

Arquivo Osmar Camelo

Elisângela Leite

Elisângela Leite



Buraco da pedreira antes das obras

Esgoto e iluminação dos becos

Osmar, reeleito presidente da associação em 2009, agora busca outras melhorias necessária na comunidade, que hoje possui cerca de 12 mil

moradores. A maior urgência é o tratamento do esgoto, uma questão séria em toda a Maré. Iluminação pública é outro problema. Os funcionários da Riolut, empresa municipal de iluminação, só trocam

“Que as coisas boas não fiquem só nisso. Que venham também o tratamento do esgoto, a iluminação das ruas e demais melhorias do atendimento público na comunidade”

Osmar Paiva Camelo



Espaço Urbano Seguro não tem iluminação

as lâmpadas das ruas principais, onde é possível usar a escada do caminhão. Entretanto, a maior parte dos moradores do Timbau vive em becos e travessas onde o caminhão não entra. Seria preciso usar a escada móvel, mas os funcionários da Riolut não levam este equipamento. Com isso, a escuridão atinge vários pontos, reclama Osmar. Além disso, há muitos postes antigos ameaçando cair nos becos, por falta de manutenção.

Outra questão é a necessidade de retirada da palmeira situada na Avenida dos Patriotas, que continua ameaçando cair, levando um pedaço da encosta. Os moradores das casas próximas ficam apreensivos com a situação. O risco foi relatado na edição nº 5 do *Maré de Notícias*, na



Reforma da antiga creche Albano Rosa

reportagem sobre as consequências das fortes chuvas de abril deste ano no Rio de Janeiro.

Por fim, Osmar elogia a coleta de lixo. “Quem mais trabalha na Maré é a Comlurb”, afirma. “Que as coisas boas não fiquem só nisso. Que venham também o tratamento do esgoto, a iluminação e demais melhorias do atendimento público na comunidade”, conclui Osmar, que é vice-presidente do Conselho de Segurança Pública da Área da Leopoldina.

Associação dos Moradores do Morro do Timbau
Rua dos Caetés, 131 | Telefone: 3105-7008
Segunda e sexta-feira, de 9h às 17h
Sábado 9h às 12h

Canais do Fundão e do Cunha pedem passagem

Especialistas criticam obras superficiais da Baía mas governo do estado promete melhorias

Reportagem: Hélio Euclides | Fotos: Elisângela Leite

Neste século, um assunto em evidência é ecologia, meio ambiente, preservação, sustentabilidade. E para falar de cuidados com a natureza é preciso conhecer melhor o nosso entorno. Boa parte dos moradores da Maré sente um mau cheiro vindo dos canais do Fundão e do Cunha, que integram a Baía de Guanabara. Águas de coloração escura, com muito lixo e esgoto in natura, que afetam também a navegação no local, são resultado de erros cometidos nos últimos cem anos naquela bacia hidrográfica, que geraram um caos ambiental, com consequências para a saúde da população local.

Falta de políticas habitacionais e de saneamento básico provocaram o assoreamento e a degradação dos canais que poderiam ser importantes áreas de lazer. “Infelizmente a situação é fruto inicialmente do desconhecimento das regras mais básicas de sustentabilidade ambiental e foi perpetuada pela impunidade enraizada até hoje no poder público brasileiro. Conseguimos transformar o que era um paraíso num verdadeiro inferno ambiental”, desabafa o biólogo Mario Moscatelli, responsável pela recuperação dos manguezais do canal do Fundão.

As obras em andamento, por enquanto, atingem apenas o canal do Fundão, deixando céticos os ambientalistas, que cobram ações definitivas do poder público. Um mecanismo de proteção instalado no canal do Fundão é a eco-barreira, localizada na altura da Vila do Pinheiro. A barreira retira o lixo flutuante, impedindo, dessa forma, que o material chegue até o mangue. Oito moradores da Maré trabalham retirando quatro toneladas diárias de resíduos sólidos, que enchem duas caçambas. Além disso, são retirados 120 quilos de produtos recicláveis por semana. Para Moscatelli é um trabalho de formiguinha, mas é melhor do que nada.

O ambientalista Sergio Ricardo afirma que a eco-barreira retém apenas parte do material, sendo de eficácia pequena e com prejuízo para a circulação de barcos. “O ideal era o jovem ser um agente ambiental. Os projetos Gari Comuni-



Ecobarreira à margem das comunidades de Salsa e Vila do Pinheiro

tário e Guardiã dos Rios, que utilizam moradores para limpeza das ruas e canais das comunidades, tinham que promover a coleta seletiva, promovendo uma economia verde, e não colocar o lixo debaixo do tapete, num círculo vicioso”, questiona.

Revitalização e urbanização

Em maio de 2009 também foi iniciada uma obra de recuperação do canal do Fundão. Com previsão de dois anos, a obra visa o desassoreamento de sete quilômetros de extensão do canal do Fundão, facilitando a circulação de água com a dragagem de dois milhões de metros cúbicos de material. O projeto é realizado pelo governo do estado do Rio de Janeiro, através da Secretaria de Estado do Ambiente, com execução pela empresa Queiroz Galvão.

A obra foi viabilizada através de um convênio com a Petrobras, tendo como interveniente o Pólo de Biotecnologia do Rio de Janeiro (Bio Rio), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A principal meta é garantir o restabele-

cimento das condições básicas para adequada circulação e escoamento das águas na região.

No canal do Fundão, haverá a recuperação dos manguezais num espaço de 17 hectares. Para isso serão usadas 70 mil mudas de mangue vermelho, colaborando para a biodiversidade da região. O projeto ainda prevê a retirada de cerca de 200 milhões de metros cúbicos de sedimentos, além de lixo. Uma tecnologia pioneira para limpeza está sendo utilizada: tubos geotêxteis ajudam a separar o material líquido do sólido, devolvendo ao canal a água em boas condições, após uma filtragem.

“Estou torcendo para que tudo dê certo. Devido à poluição e assoreamento do canal, fica impossível se locomover”, relata o pescador da Colônia do Parque União, Márcio Aragão. O pescador da Colônia Z-11, na Praia de Ramos, Augusto Barbudo, não está tão otimista. “Só nós pescadores é que podemos limpar a baía, pois os pescadores locais é que conhecem o seu espaço. É uma ilusão a obra, uma propaganda para a Copa e as Olimpíadas”, afir-



Resíduo como sai do canal e a água após filtragem



Material sólido na margem oposta à Maré, no lado do Fundão



Resíduo sólido retirado do canal do Fundão



Tubos geotêxteis separam o líquido do sólido e filtram a água

ma ele, para quem há um descaso do poder público com a profissão.

“A dragagem não vai despoluir. Temos que pensar no pescador, uma categoria que está em extinção. Nos anos 1970, o Rio de Janeiro era o maior mercado de peixe do país, hoje a quantidade de pescado foi reduzida em 90%”, relata Sergio Ricardo.

Muitos pescadores desejam participar do processo de limpeza, como ocorreu no passado. “Eram toneladas que coletávamos. O projeto Baía Limpa da Petrobras ajudava muitas famílias”, lembra o morador da Praia de Ramos, Arnaldo Tavares. O seu colega é mais crítico. “Falta o retorno do projeto Baía Limpa, nós é que tirávamos toneladas de entulhos”, opina o pescador da Colônia do Parque União, Paulo Gonçalves.

A Assessoria de Comunicação da Petrobras explica que o projeto Baía Limpa foi desenvolvido entre janeiro de 2009 e fevereiro de 2010, com o objetivo de melhorar as condições de tra-

balho dos pescadores artesanais. A renovação do projeto está em análise na empresa.

Vinte anos de promessas

Sergio lembra que o debate sobre a despoluição da Baía teve início quando o Rio de Janeiro queria sediar a Eco 92, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Na ocasião, o governo colocou como meta despoluir a Baía. O Rio conseguiu sediar o evento, mas a baía continuou suja. “Uma propaganda enganosa. Prometeram limpar 72 praias, acabar com lixões, fazer controle industrial e cordão sanitário, com a canalização do esgoto das casas da Maré, do Caju e da Vila Residencial da Cidade Universitária. Foi só marketing. Se ainda há obras foi por causas de nossas críticas”, conta.

Ele se recorda ainda que na candidatura do Rio às Olimpíadas de 2004, uma vistoria no canal do Cunha flagrou esgoto caindo nas águas, o que acabou com as chances da cidade. O es-

goto continua a ser jogado nas águas do canal até hoje. “O pedaço onde agora estão fazendo a drenagem é superficial, enxugam gelo, daqui a três anos vão ter que refazer”, denuncia o ambientalista.

O coordenador do Laboratório de Direitos Humanos de Manguinhos da Rede Centro de Cooperação e Atividades Populares (LabDHM/ RedeCCAP), Fernando Soares, defende a formação de um comitê de sub-bacia, envolvendo os atores sociais com experiência de luta pela preservação ambiental da região. “O projeto de revitalização do canal não está promovendo o fortalecimento das organizações que poderiam atuar no controle social da situação ambiental dessa sub-bacia”, assegura.

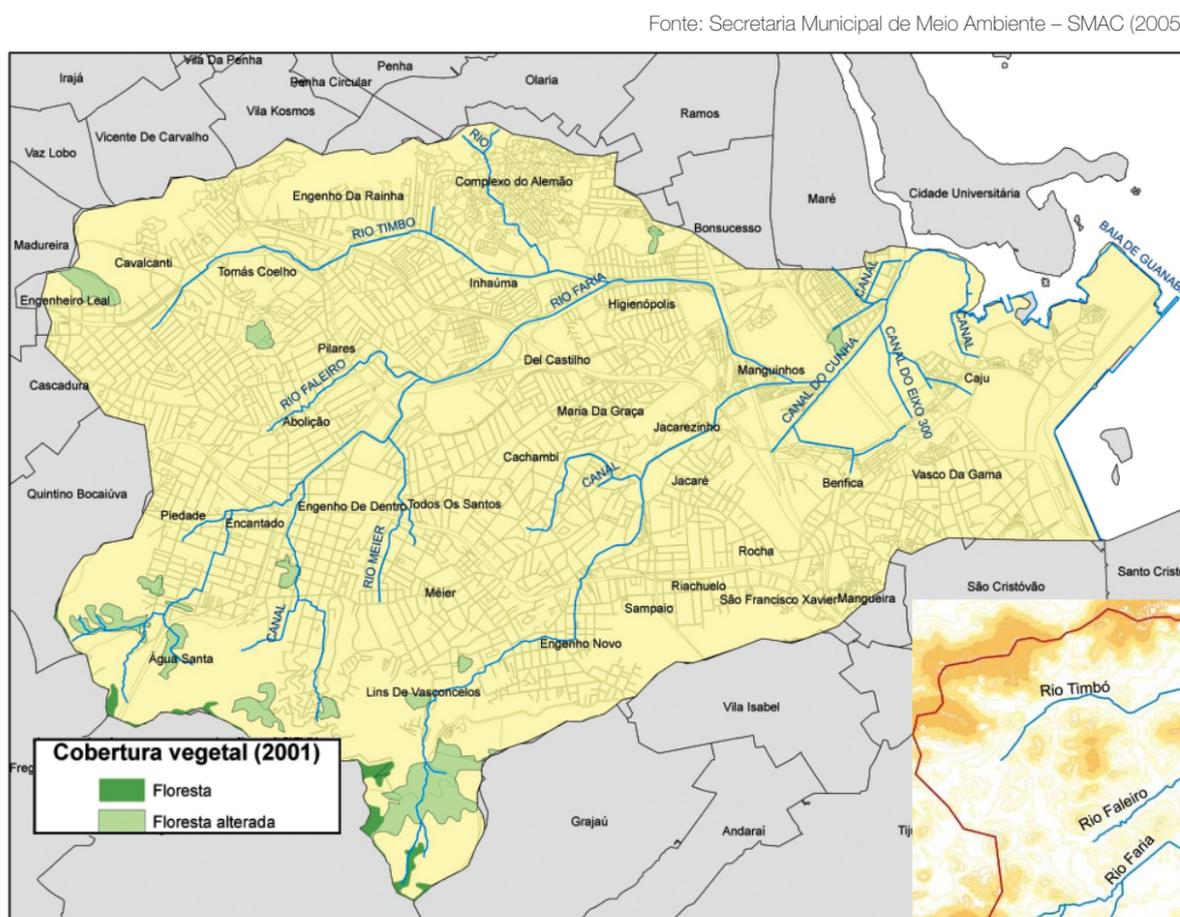
Para fortalecer a articulação, promover a troca de conhecimentos e a formulação de um planejamento para a constituição de um comitê do canal do Cunha, ocorrerá um seminário na Fiocruz, no dia 27 de novembro, das 9h às 17h, e todos os interessados estão convidados.

Governo promete tratar esgoto

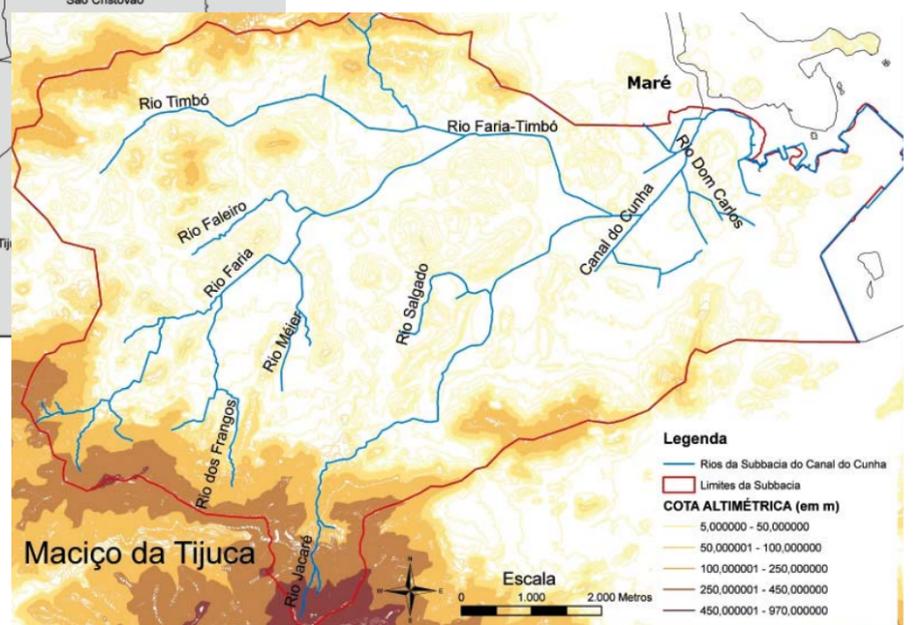
O subsecretário estadual de Projetos e Intervenções Especiais, Antonio da Hora, rebate as críticas. A obra em andamento, ao custo de R\$ 270 milhões, é apenas o início da despoluição da Baía de Guanabara, garante. Segundo ele, está prevista a captação do esgoto da Maré, que será destinado à estação de tratamento da Penha ou de Alegria, no Caju. Além disso, a profundidade do canal será aumentada para oito metros.

Continua na página 8

Fonte: Altimetria – Instituto Pereira Passos (IPP). Digitalização de 1997-2000 / Rede Hidrográfica – RioÁguas (2006).



Mapeamento dos rios da sub-bacia hidrográfica do Cunha. O canal do Cunha fica em torno de Manguinhos, passa pela Avenida Brasil, contorna o Conjunto Esperança e se encontra com o canal do Fundão, sob a Linha Vermelha



Fonte: Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SMAC (2005)

A luta por uma Baía mais limpa

“Há uma integração com a Maré, quando lançamos o projeto trouxemos as associações de moradores aqui, e temos uma funcionária da secretaria em contato direto com a região”, declara. Ele diz ainda que haverá estruturação da cooperativa de coleta de material reciclável e que as colônias de pescadores da Vila do Pinheiro e do Parque União ganharão frigoríficos e píer.

O subsecretário acrescenta que qualquer crítica deve vir acompanhada de estudo técnico e informa que o governo do estado não recebe a verba gerida pela Bio Rio, proveniente da conversão de multas aplicadas à Petrobras por vazamentos de óleo na Baía de Guanabara.

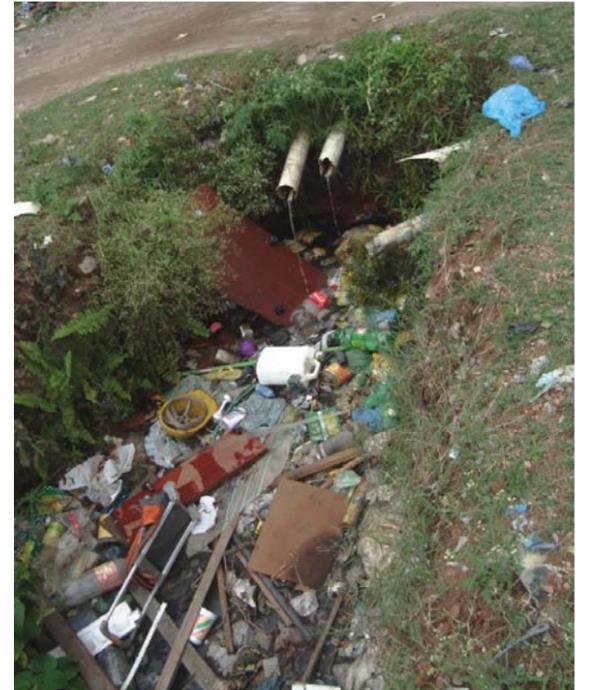
Para estudiosos, o problema da Baía começou com a redução de seu tamanho para 1/3 de sua capacidade, após o aterramento do Fundão, Refinaria de Manguinhos, Avenida Bra-

sil, Maré, Niterói-Manilha e Aterro do Flamengo. “Quem vive nas favelas é vítima de um modelo econômico e industrial que fracassou. Os pobres não podem ser acusados dessa situação pela mídia”, avalia Sergio.

“Sonho que um dia vai dar peixe no canal. Agora só quebra o barco. Sofremos, já que dessas águas tiramos o ganha-pão. Hoje o pescador sofre, sai e não tem hora de volta, às vezes só no outro dia. Espero que volte o tempo que aqui tinha camarão, tainha, se comia peixe daqui”, lembra o pescador esportivo César Pereira.

Na opinião de Moscatelli, os moradores da Maré devem exigir das autoridades a oferta de serviços assegurados na Constituição, entre eles saneamento, saúde, educação e segurança, visto que isso não pode sob hipótese alguma ser encarado pela população como um favor do político mas sim como direito dos moradores.

Silvia Noronha



Esgoto jogado no canal do Cunha

Arquivo pessoal



Colunista

Alexandre Pessoa Dias*

Cartão-postal ou ambiente saudável?

Constantemente vemos na imprensa matérias sobre a dragagem dos canais do Fundão e do Cunha (lembrando que, em relação a este último, apenas a dragagem no seu trecho final está prevista). Diz-se que a região será o novo “cartão-postal” do Rio de Janeiro e que os turistas não sentirão mais os maus odores nem observarão indesejáveis paisagens quando passarem ao lado das comunidades.

No caso da atual dragagem do Fundão, a retirada de cerca de 2 milhões de m³ de lodo e a recuperação de manguezais, patrocinadas pela Petrobras, de fato irão aumentar a circulação das águas e promover a melhoria da qualidade ambiental da Baía de Guanabara, importante para a recuperação das atividades pesqueiras, da flora e da fauna. Entretanto, enquanto não for realizada a dragagem ao longo de todo o canal do Cunha, dos rios Jacaré e Faria-Timbó, bem como dos canais internos da Maré e demais comunidades, as pessoas ainda estarão correndo riscos decorrentes das inundações e do contato com águas contaminadas.

Colocar o acesso pela Linha Vermelha como principal finalidade da área significa não reconhecer os direitos territoriais, sociais, econômicos, ambientais e culturais das comunidades, até hoje marcadas pela falta de políticas públicas efetivas e sustentáveis. Os bairros da Maré, Vila Residencial do Fundão, Manguinhos, Jacaré e Alemão, historicamente, lutam contra a invisibilidade social, pela dignidade humana, saúde, moradia digna, saneamento básico, educação, transporte etc. A Vila Residencial do Fundão, por exemplo, conseguiu incluir nas obras, depois de muita mobilização, a execução de rede de esgoto sanitário, drenagem e urbanização na sua comunidade.

As obras de urbanização, saneamento, habitação, recuperação ambiental e equipamentos sociais têm impactos diretos na saúde

das populações e, por isso, precisam ser bem executadas e durar. Para isso é necessário a garantia dos serviços de manutenção adequados. Caso contrário, grandes investimentos públicos podem não atender aos objetivos e necessidades dos moradores.

Basta andar pelas comunidades e verificar que os poucos trechos de tubulações de esgoto sanitário apenas afastam os esgotos para os rios e canais, quando não se formam valas de esgotos próximos às casas. As tubulações estão praticamente abandonadas, pela precariedade dos serviços públicos de manutenção das redes (constantemente os próprios moradores tentam desobstruí-las).

Mesmo tendo sido previstos pelo Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (PDBG), passados mais de dez anos, ainda não foram construídos os coletores-tronco para retirar os esgotos sanitários da Maré e de Manguinhos. Esses sucessivos atrasos nas obras impediram a despoluição da Baía de Guanabara e seguem comprometendo as novas obras do PAC e a própria dragagem dos rios, uma vez que esgotos e efluentes industriais continuam sendo lançados diretamente nos rios.

As causas e as soluções da poluição da água não serão viabilizadas atuando-se apenas para dentro do espelho da água. A falta de saneamento básico polui os rios, comprometendo a saúde, a renda e o desenvolvimento local. Para isso, as intervenções nos territórios devem garantir a recuperação ambiental, a infraestrutura sanitária e a urbanização das comunidades, através da construção de ambientes e habitações saudáveis, o que é fundamental para a promoção da saúde.

O Estado, por critérios epidemiológicos e humanitários, tem a obrigação de priorizar os investimentos em saneamento e garantir sua manutenção nas comunidades de baixa renda. Parte da Maré, Vila Residencial do Fundão, Jacaré, Manguinhos e Alemão pertencem a mesma Sub-Bacia Hidrográfica do Canal do Cunha e, para alcançarem melhorias das condições de vida precisam, em caráter de urgência, de melhorias habitacionais, de água potável contínua; de coleta, transporte e reciclagem eficiente dos resíduos sólidos (lixo); das redes de esgoto sanitário devidamente ligadas à Estação de Tratamento de Esgoto da Alegria, da dragagem (retirada de sólidos) frequente dos rios e canais e de uma educação ambiental, que envolva e mobilize as comunidades que têm muito a aprender e a ensinar.

* Engenheiro sanitário, professor-pesquisador da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, da Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV / Fiocruz).

“Atrasos na despoluição da Baía seguem comprometendo as novas obras do PAC e a própria dragagem dos rios, uma vez que esgotos e efluentes industriais continuam sendo lançados”

Maré conquista Campeonato Brasileiro de Boxe

Quatro boxeadores do Luta pela Paz conquistaram medalhas no campeonato brasileiro de 2010, entre eles, Roberto Custódio, de 23 anos, campeão da categoria Adulto. Roberto, que participa do projeto do Luta pela Paz desde 2002, na Nova Holanda, havia ficado em terceiro lugar no ano passado e em segundo, em 2008. Com o excelente desempenho deste ano, o rapaz foi convocado para a seleção brasileira de boxe.

Tayson de Marante, de 15 anos, conquistou medalha de prata na categoria cadete 48 kg; e Luiz Henrique e Alexandre Santana, ambos também aos 15 anos, ficaram com o bronze,



Elisângela Leite

Gibi (à esqu.) e os medalhistas Alexandre, Tayson, Luiz Henrique e Roberto

respectivamente, nas categorias cadete 52 kg e cadete 46 kg. O campeonato foi realizado entre os dias 8 e 18 de outubro, em São José do Rio Preto, interior paulista.

Ainda no fim de outubro, Gibi, treinador do grupo, viajou com Tayson e mais três boxeadores do projeto, desta vez para um torneio internacional na África do Sul.

Saúde e educação no antigo Sesi

A área do antigo Sesi Maré, na divisa de Bento Ribeiro Dantas com o Timbau, será mesmo utilizada pela Prefeitura do Rio. Está confirmada a instalação de um Espaço de Desenvolvimento Infantil (EDI) para 250 crianças e o abrigo provisório da Escola Nova Holanda, que entrará em reformas em 2011. Após as obras na Nova Holanda, o espaço vago no Sesi deverá se tornar uma nova escola na Maré, segundo informa a Secretaria Municipal de Educação.

O antigo Sesi também terá uma unidade de saúde, mas a Prefeitura ainda não confirma se será uma Clínica da Família, conforme divulgado em junho ao *Maré de Notícias*. Segundo a assessoria de comunicação da Secretaria de Saúde, não há definição sobre o fechamento de postos de saúde do bairro. Moradores e representantes de instituições atuantes na Maré se mobilizam para cobrar da Prefeitura informações a respeito das mudanças no atendimento à saúde da população. Um abaixo assinado está circulando pelas comunidades e será levado ao Secretário Municipal de Saúde e Defesa Civil, Hans Fernando Rocha Dohmann.

Seminário de Educação em 27/11

No dia 27 de novembro acontecerá o II Seminário de Educação da Maré, no mesmo local do evento do ano passado, no auditório do Centro de Ciências da Saúde, na Ilha do Fundão. De 8h às 17h, professores e representantes do ensino municipal discutirão como melhorar a qualidade da educação nas escolas do bairro. A Redes de Desenvolvimento da Maré, uma das organizadoras do seminário, vem realizando fóruns prepa-



Elisângela Leite

Primeiro seminário, em novembro de 2009

ratórios com os profissionais do setor para validar as propostas que serão debatidas no encontro.

**“Aqui somos mestiços mulatos
Cafuzos pardos mamelucos sararás
Crilouros guaranissels e judárabes.”**

A música de Arnaldo Antunes brinca com uma das principais características do Brasil: a diversidade de origens e culturas. Nosso país foi constituído a partir de diferentes matrizes étnicas e culturais, formando uma sociedade multicultural. Infelizmente, as desigualdades sociais construídas historicamente com base na exploração econômica, na violência e na escravidão, geraram um modo de pensar e agir discriminatório em relação à cultura e a história afro-brasileira. Embora velada - já que no Brasil nunca tivemos um grande evento ou políticas étnico-raciais discriminatórias, como nos Estados Unidos e na África do Sul -, o Brasil mostra marcas de uma sociedade racializada, onde ser negro faz diferença, traduzida em diferenças de oportunidades, tratamento e, conseqüentemente, de renda.

Você ainda vê crianças sendo discriminadas na escola? E trabalhadores sendo recusados em escritórios por morarem em uma comunidade ou por serem negros? As pessoas ainda escondem suas crenças e práticas religiosas por medo da reação de chefes, colegas e até vizinhos? É possível que sim. A boa notícia é que nos últimos anos muitas leis e políticas públicas foram implementadas para reparar o abismo social e racial existente entre negros e brancos, que nega condições iguais de acesso a saúde, trabalho e educação.

Com esse intuito foram criadas as cotas para acesso a instituições de ensino superior; a obrigatoriedade do ensino das culturas e da história africanas nas escolas (Lei 10.639); foi feita a regularização de terras de quilombos; e, recentemente, foi publicado o Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.228). Este vem reforçar a Constituição Federal, que diz que todos são iguais perante a lei, sem distinção de origem, raça, gênero, cor, idade, religião ou quaisquer outras formas de discriminação.

Para continuar mudando essa história é necessário que todos tenham consciência da importância de denunciar e enfrentar situações de racismo ou discriminação em ambientes de trabalho, de estudo e em locais públicos.

CEERT - Centro de Estudo das Relações do Trabalho e da Desigualdade
Desenvolve projetos nas áreas de diversidade no trabalho, educação, direito e acesso à Justiça, políticas públicas, saúde e liberdade de crença.
Site: www.ceert.org.br

SEPPIR - Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial
E-mail: seppir.ouvidoria@planalto.gov.br

A COR DA CULTURA
Site: www.acordacultura.org.br

Disque Preconceitos
Comissão de Combate às Discriminações e Preconceitos de Raça, Cor, Etnia, Religião e Procedência Nacional.
Telefone: 0800-2820802

Defensoria Pública Geral do RJ - Centro de Relacionamento com o Cidadão
O atendimento é realizado de 2ª a 6ª feira, de 08h às 18h.
Telefone: 0800-285-2279

Safernet
Para denunciar crimes de racismo cometidos na internet
Site: www.safernet.org.br

SAIBA SEUS DIREITOS

O Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.228) garante direitos específicos para a população negra nas seguintes áreas:

- saúde;
- educação;
- cultura;
- esportes e lazer;
- liberdade de crença;
- acesso a terra e moradia adequada;
- trabalho;
- valorização nos meios de comunicação.

Salva Como

TEATRO

Cia Marginal no centro do Rio

O grupo de teatro Cia Marginal apresentará o espetáculo "Qual é a nossa cara?" pela primeira vez fora do bairro Maré. A temporada, dirigida por Isabel Penoni, será nos dias 6, 13 e 20 de novembro, no Teatro Glauce Rocha, no centro do Rio. A peça, que aborda, com humor, aspectos do processo das lutas comunitárias empreendidas na Nova Holanda, teve a argumentação construída a partir de histórias contadas por moradores. A Cia Marginal se constituiu a partir de trabalho em artes cênicas com adolescentes e jovens da Maré, tornando-se atualmente um importante e respeitado grupo de teatro que aborda questões de cunho social e político. Entre os personagens retratados estão Eliana Sousa, diretora da Redes da Maré, que participou da eleição para a Associação de Moradores da Nova Holanda nos anos 1980; e Jorge Negão, chefe do tráfico da comunidade na mesma época

Serviço "Qual é a nossa cara?" Sábados, 6, 13, e 20/11 / às 19h - Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179 - centro / Tel.: 2220-0259) R\$ 10 (inteira) / R\$ 5 (meia)

CURSO

Supletivo a distância

O Colégio Futura começou a atuar em novembro na Maré, oferecendo curso supletivo a distância para quem deseja concluir os ensinamentos fundamental e médio. Os alunos receberão material didático para estudar em casa, mas terão professores de apoio numa sala da Associação de Moradores do Conjunto Esperança. As provas também serão feitas de forma presencial. Mesmo quem nunca estudou ou não tem comprovante de conclusão dos anos de escola poderá se candidatar. A matrícula custa R\$ 20 e a mensalidade R\$ 50. Para cursar o fundamental, os candidatos devem ter mais de 15 anos; e para o ensino médio, mais de 18 anos. Informações na associação com o professor Agrinaldo Siqueira da Silva. Tel: 2573-5958.



Programe-se! O que rola pela Lona da Maré

- 01/12 (quarta-feira) - Cine Clube (filme infantil)
03/12 (sexta-feira) - Comemoração 10 anos do Programa Criança Petrobras na Maré
04/12 (sábado) 11h Conexão Maré - Oficina de Clow + Dança Cont.
15h Cia Gazoso - Os Clows (espetáculo que mistura circo, dança e teatro para crianças)
05/12 (domingo) - Roda de Samba - Grupo Nova Raiz
08/12 (quarta-feira) - Cine Clube (filme infantil)
10/12 (sexta-feira) - Favela Rock IV (Passarela 10, Café Frio e convidados)
12/12 (domingo) - Roda de Samba - Grupo Nova Raiz
17/12 (sexta-feira) - Festa Jukebox
19/12 (domingo) - Roda de Samba - Grupo Nova Raiz

OBS: Programação sujeita a alterações.

Oficinas gratuitas na Lona

- | | |
|---|---|
| Segunda-feira
9h às 11h - Construção de instrumentos musicais
14h às 16h - Artes circenses | Quinta-feira
10h às 12h - Sonorização/DJ
14h às 16h - Teatro |
| Terça-feira
10h às 12h - Sonorização/DJ
14h às 16h - Teatro | Sexta-feira
9h às 11h - Construção de instrumentos musicais
10h às 11h30 - Maracatu
11h30 às 13h - Maracatu |
| Quarta-feira
10h às 11h30 - Maracatu
11h30 às 13h - Maracatu
14h às 16h - Artes circenses | Sábado
11h às 13h - Prática de orquestra |

A Lona Cultural Municipal Herbert Vianna fica na rua Ivanildo Alvez, s/n, Nova Maré. Ingressos à venda no local e na secretaria da Redes (rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda). Mais informações: lonadamare@gmail.com ou 3105-6815 e 7871-7692.



O Futura e a Redes da Maré trabalham juntos por uma educação de qualidade e pela redução dos preconceitos.

20 de novembro - Dia Nacional da Consciência Negra

Conheça o projeto A Cor da Cultura e assista no Futura os programas especialmente produzidos sobre o tema.



Estreia: 23 de novembro, às 15h10
Horários: toda terça, às 15h10



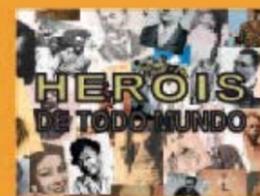
Estreia: dia 9 de novembro, às 22h30
Horários: toda terça-feira, às 22h30



Estreia: 22 de novembro, às 10h30
Horários: toda segunda-feira, às 10h30



Estreia: 11 de novembro, às 15h15
Horários: toda quinta, às 15h15



Estreia: dia 16 de novembro
Horários: nos intervalos da programação



www.acordacultura.org.br



www.futura.org.br

O *Maré de Notícias* apresenta nesta edição a segunda reportagem da série Nossa História, que visa resgatar a memória e a identidade dos moradores da Maré. A ideia é reconstruir fatos e compor narrativas que tratem da construção local, a partir de depoimentos de pessoas que foram e são personagens importantes das comu-

nidades do bairro. Mais do que contar histórias e “causos”, queremos recompor o passado que hoje é quase desconhecido pelas novas gerações e, a partir dele, refletir sobre o presente e o futuro. Assim, caro leitor e cara leitora, convidamos você a se aventurar conosco nessas histórias da Maré. (Texto: Edson Diniz)

O sapateiro e o alfaiate

Histórias de outros tempos, contadas por Seu Atanásio, ex-líder comunitário da Baixa

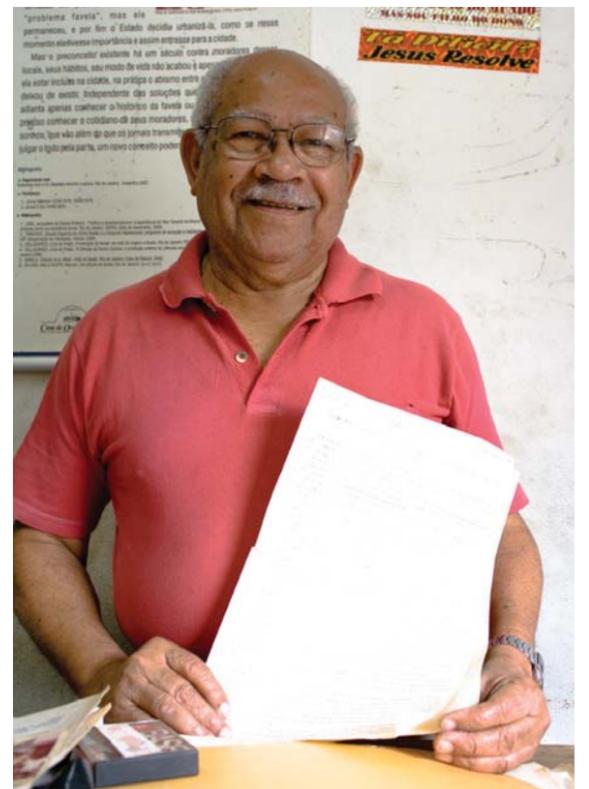
Reportagem: Hélio Euclides

“O nome da Baixa do Sapateiro veio do tempo da abertura da Avenida Brasil (nos anos 1940). O local não era habitado, e tinha um capinzal. As pessoas vinham soltar os burros no espaço. O dono do terreno não gostou e pediu para cercar. A área era baixa, no pé do morro. Para eliminar a circulação colocou um vigia, que era sapateiro”. Essa versão é do alfaiate Atanásio Amorim, hoje aos 80 anos de idade, morador da Baixa desde o final dos anos 1950.

Em 1957, ou seja, dez anos depois do nascimento da comunidade, um grupo com interesse no desenvolvimento do local fundou a associação de moradores. Nesse período a luz elétrica era disponibilizada por meio de cabines de energia, batizadas com o nome de seus respectivos “donos”. Na verdade, eram intermediários, pois a luz da Light chegava até esses pontos e dali era distribuída para as casas. A Light media o consumo de cada cabine

e cobrava do “dono”. Tinha a cabine de Pedro Torres, que depois virou nome de rua na comunidade; a cabine de Cícero Humanitário; a de Celso Carvalho. Celso, aliás, então guarda municipal, deixou a sua cabine com pessoas que não pagavam à Light, e a empresa acabou cortando a luz de todos. “Formamos uma comissão e fomos até Celso, que nos entregou a rede. Pagamos a dívida e transformamos em cabine Santa Luzia”, lembra Atanásio.

Seu Atanásio participava ativamente das discussões comunitárias. Eleito vice-presidente da associação de moradores, ele acabou assumindo a presidência quando Geraldo Marques deixou o cargo. A entidade começou a retirar cercos, árvores e barracos que estreitavam as ruas. Isso ocorreu no final da década de 1960, quando a comunidade era formada por becos com mais de cem casas cada um, formando um conglomerado de barracos, muitos construídos sobre o mangue em palafitas.



Atanásio: na Baixa desde o final dos anos 1950

Elisângela Leite



Foto da época de Atanásio na Associação de Moradores da Baixa do Sapateiro

Inauguração da caixa d'água no final da década de 1970, com a presença do governador Faria Lima e da locutora e vereadora Daisy Lucidi



Arquivo pessoal

Uma senhora aproveitou o momento para reclamar com o presidente da associação a respeito da existência de um banheiro construído no meio da rua. O tal “puxadinho” fechava a rua! “Levei o caso para a doutora Iara, coordenadora da Fundação Leão XIII, que extraoficialmente deixou o assunto a cargo da associação”, lembra Atanásio, que pediu a derrubada do banheiro. A senhora, dona da casa, ficou furiosa, mas depois aceitou e viu a melhoria quando os carros passaram a circular pela sua rua.

A união faz a força

Atanásio ficou na associação por 11 anos e mais três na comissão de luz, até que a Secretaria Municipal de Energia assumiu as cabines. Contudo, foi uma luta, pois a comissão de moradores não “deu” a cabine Santa Luzia tão facilmente. “Fui até o secretário de Energia, José de Carvalho, que afirmou que havia mandado me prender por rebeldia. Expliquei que existiam 53 associados à cabine, que tínhamos pagado

1.500 cruzeiros, e queríamos indenização”. Atanásio esclarece que, no final das contas, os moradores foram ressarcidos e o delegado do 21ª Delegacia Policial lhe entregou a carta de prisão para guardar de recordação, documento que mantém até hoje.

Outra relíquia que Atanásio guarda é o primeiro jornal que divulgou o Projeto Rio, em 1979, programa do governo federal que deu fim às palafitas e promoveu melhorias na Maré. Naquele tempo já se falava também na Linha Vermelha, o que gerava boatos a respeito da possível retirada de casas da Maré. Diversas lideranças se uniram para escrever cartas contrárias à remoção. A diretora da Companhia de Desenvolvimento de Comunidades (Codesco), Hortência Dunshee Abranches, foi a responsável pela redação da carta da Baixa do Sapateiro. “Encontrei com ela na Cinelândia e de lá fomos entregar a minuta ao ministro do Interior, Mario Andreazza. Com a união das comunidades, eles mudaram o traçado”, exalta.

Alvenaria às escondidas

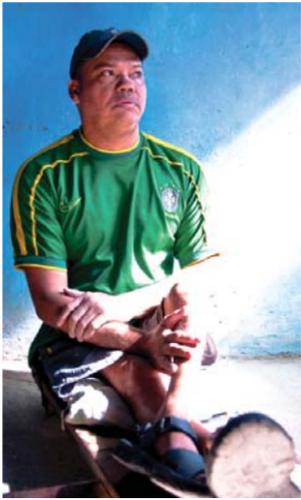
Atanásio era contra o governo Carlos Lacerda, que tinha retirado moradores de perto do Rio Sul para a Cidade de Deus, e da favela do Esqueleto, onde hoje é a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), para a Nova Holanda. “No início seriam domicílios de passagem, mas como eram muitos moradores as casas viraram residências fixas, muita gente hoje não sabe disso”, observa.

Para combater as retiradas, ele se uniu com o presidente da Associação do Parque União da época, Francisco de Souza, e os dois incentivaram, escondidos, a construção de casas de alvenaria. Assim, as moradias não seriam demolidas.

Com tantos feitos comunitários ao longo de sua vida, este ano Atanásio recebeu uma moção de congratulações e louvor na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.

Camelô da Maré expulso da Barra

Elisângela Leite



Jorge Bobs foi autuado

Em 11/08, perdi minha mercadoria de doces e a mochila em uma Operação Choque de Ordem, no sinal de trânsito, em frente ao Supermercado Extra, da Barra da Tijuca. Uma semana depois foi ainda pior, além de

confiscarem o material e a mochila nova que comprei com dinheiro emprestado, fui autuado por exercício ilegal da função. Me senti mal, pois não estava roubando, mas os guardas argumentavam que não queriam saber da vida de ninguém. Chamaram a Polícia Mi-

litar, que me levou para a 42ª DP (Recreio), para registro da ocorrência. A explicação de um policial era que os “bacanas” estavam reclamando, então o prefeito não quer mais camelô na Barra, Recreio e orla da zona sul, e me recomendou o subúrbio. Já me apresentei em outubro ao Fórum da Barra, e agora vou voltar em 29/11. Enquanto isso, estou desempregado e não posso insistir na atividade, pois se houver mais duas autuações ficarei preso.

Jorge Geraldo, o Jorge Bobs (foto ao lado), de 48 anos, morador da Maré que sofre de paralisia nos membros inferiores

O Maré de Notícias entrou em contato com a assessoria de comunicação da Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência, que recomendou a Jorge ligar para a assessora do gabinete, Ângela Mizarella, para orientação.

Arquivo Sidnei Alves/presidente do Real Maré



Jogadores do Real Maré, time que participou do Campeonato Carioca Amador da Capital 2010, realizado pela Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FFERJ)

POESIA

Vila da Sara

Sou moradora da Vila do João desde 1982, mas NUNCA esqueci da minha infância na Nova Holanda, lugar que só me traz ótimas lembranças, apesar da condição de moradia que tínhamos. As amigas que lá eu fiz até hoje fazem parte da minha vida e eu não esqueço jamais. Num dia desses, após um período de estresse no meu trabalho, acordei bem cedinho, quando ainda estava escuro, e vi como a Vila do João parece um “Formigueiro de Gente” que acorda de madrugada pra trabalhar. Neste amanhecer comecei a escrever, hábito que tenho como terapia. Então acabei escrevendo este pensamento que mais me parece uma poesia e agora envio pra vocês. Espero que gostem!

Ê VILA DE GENTE

Sara Alves

Ê Vila da minha vida.
Dos meus pesadelos e realidade.
Realidade e sonhos...
De Cidade Fantasma, eu te chamava.
Tudo desconhecido.
Ninguém me encantava.
Sofri com a dor,
mas não perdi as raízes da minha infância querida.
Amigos que não vejo mais.
Amigos que ficaram pra trás.
Amigos que não esqueço jamais.
Ê Favela Querida!!!
Nova Holanda é seu nome.
Alegrias ao entardecer...
Bola, peteca e muita correria.
Isso sim é que é infância!!!
Medo do homem do saco.
Pavor da mulher loura.
Nunca vi o porco com cabeça de

gente...
Só sente quem vive...
Só sente quem é Gente.
Belas lembranças...
Cupins nas paredes...
Êta tardes ensolaradas...
Haja bacia com água pra sossegar tantos bichinhos.
Que bom!!
Faltou a luz ê, faltou a luz ê...
Agora, papai contará contos e causos.
Êta criançada danada!!!
Cada história de arrepiar.
Oh! Meu Deus! E os filmes nos Galpões?!
A Leão XIII é famosa...
Até hoje sinto o cheiro de vampiro.
E a mulher com meia cara de esqueleto?!
Não me lembro da Páscoa...
Não me lembro de ovos de chocolate...
Ê, mas de Festa Junina, hum...
Êta coisa boa: canjica, bolo e doces...
Não esqueço da cadeia.
Quem não paga pra sair, fica até o amanhecer!!!
Que pena, tenho que dormir.
Criança não fica acordada a noite toda, mamãe dizia.
Eu não sei quem inventou que a noite é pra dormir...
Ah! Meu Deus, por que não posso brincar a noite?...
Seria tão BOMMMMM!!!!!!
Vi estrelas pelas frestas do telhado.
Vi chuva molhar o assoalho.
Imagina! Tem rato e ratazana.
Tinha tristeza com a morte.
Ê coisa esquisita, defunto na sala de casa...
E os piques??
Pique-tá, pique-esconde, pique-alto, pique-baixo...
Haja pique.
Ê Vila Querida, não sinta ciúmes, não!!
Hoje, você é bela também.
Meio louca, mas bela.
Aprendi a gostar de você.

Agora, o Castelo Encantado, até luz lilás tem!
Que lindoooo!!
Você nunca reparou?
Pare e repare.
Novos amigos, eu fiz.
Novos amigos, perdi.
O Amor, nela, conheci.
E você, hoje, é enorme.
Não é mais Inferno Colorido.
Muitos não te conhecem, e te consideram o inferno.
Mas NÃO É NÃO!!!!!!
Tardes lindas.
Céu com lua quebrada...
Estrelas nunca faltam...
Trabalhadores saem cedinho.
Haja ônibus, kombis, vans, bicicletas e tudo mais para tantos Lutadores.
Ê VIDA... Ê VILA...
Quem não te conhece, te julga.
Têm “os meninos...” , você sabe...” os meninos...”
Mas onde não existem mais esses “meninos”????
Aqueles..., aqueles... os excluídos ?!!
Não posso falar.
Ê perigoso!!
Ê melhor me calar.
Quem mora na “favela” não sabe de nada, não vê nada, e nada fala!
Essa é a lei!
Ê favela, hoje, você é CO-MU-NI-DA-DE.
Êta orgulho besta!!! Êta coisa boa!!!
Dona Omissão, você só vive na favela?
Fala Omissão! Pode falar que eu não conto pra ninguém.
Em que canto você vive?
Pode deixar, eu não conto para mim.
Fale baixinho.
EU SABIA,

EU SABIA !!!!
Você está em Todos os cantos!!!
Mas deixa pra lá...
Porque eu só quero declarar as belezas que a Vila tem e que muitos desconhecem também.
Vila, você cresceu!
Êta coisa doida: é Gente no meio dos carros, é carro no meio de Gente!
Forró, pagode, festas, futebol e muito churrasco.
Êta povo Trabalhador, que inventa o que fazer pra sobreviver.
E ainda tem gente que comenta que essa Gente não é valente.
E ainda tem gente que diz que essa Gente é vagabunda.
Essa gente nada sabe sobre Gente...
Violência?! Lógico que tem.
Mas onde, agora, não tem???
Vila, você cresceu!
E eu aprendi a gostar de você com todos os seus defeitos.
E sei que não sou a única.
Muita Gente te admira, mesmo contrária à mídia, você tem o seu valor.
Vila, você é mais que do João.
Ê, hoje, dos Josés e das Marias e acorda todos os dias com o cantar dos pássaros, com o andar dos Trabalhadores e também dos “vagabundos” quando, ainda, há estrelas que guiam a VIDA na VILA que hoje também é Querida por esse Alguém.

Participe desta página! Envie suas fotos, desenhos, grafite, poesia, crônica...

Entre em contato com a Redação, na Redes da Maré - rua Sargento Silva Nunes, 1012 - Nova Holanda. Tel: 3104-3276; e-mail: comunicacao@redesdamare.org.br